



# A Indonésia

## Liberta, em Cativeiro

Ana Gomes

Pramoedya Ananta Toer é indonésio e tem 75 anos. Passou 17 anos na prisão: dois anos detido pelas autoridades coloniais holandesas, entre 1947-49; um ano, 1960-61, a mando do regime de Sukarno; e mais onze, de 1965-79, pela tirania de Suharto.

O que fez Pramoedya para merecer as masmorras de todos aqueles que neste século dominaram a Indonésia? Desafiou o colonialismo holandês ao lutar de armas na mão pela independência do seu país. Tornou-se um herói. Mas o que fez então aos militares do tempo de Sukarno? Publicou uma história dos chineses na Indonésia, em tom positivo, incomodando quem usa os cidadãos indonésios de origem chinesa como bodes expiatórios, o que acontece ainda hoje como se viu nos motins de Maio de 1998... E o que fez Pramoedya ao regime de Suharto, no ano da mortandade que ainda afflige, escara sangrenta, a Indonésia? Pramoedya nunca foi julgado, nem sequer ouviu acusações formais. Mas sempre soube porque ameaçava o poder: ousava pensar, sentir-se humano e solidário com outros seres humanos e não parava de escrever sobre essa humanidade.

Pram – como é afectuosamente tratado por amigos e conhecidos

– é hoje o mais famoso autor indonésio, a merecido caminho para um Nobel da Literatura, com mais de trinta livros publicados e traduzidos em vinte e três línguas. E no entanto a maior parte das suas obras, embora hoje à venda em muitas livrarias em Jacarta, ainda estão formalmente proibidas (as transições para as democracias têm destes “esquecimentos”... muitos dos nossos

Indonésia em convénios literários pelo mundo sobretudo “não-alinhado” e comunista com que Jacarta privilegia conviver então. Corria que era membro do PKI (Partido Comunista Indonésio). Mas Pramoedya sempre o negou, por ser incompatível com um arrigado individualismo e apego à causa humanista. O rumor era pretexto bastante para a “Order Baru”

(Suharto fabricou a “Ordem Nova”, Salazar o “Estado Novo” – os ditadores mais jurássicos têm esta necessidade de se crismar de “novos”).

Da prisão de Salemba (a mesma da casa-prisão de Xanana Gusmão em 1999), este TAPOL (abreviatura para “prisioneiro político” em língua indonésia) foi levado, em Julho de 1969, para a Ilha de Buru, uma das mais subdesenvolvidas do arquipélago das Molucas, a 3.000 quilómetros de Jacarta. Para trás ficavam mulher e oito filhos (três de um primeiro casamento), que sofridamente não viu nem ajudou a criar. Para trás ficava o que devia ter sido o período mais fecundo da sua vida de escritor, pois tinha vários manuscritos preparados para edição (confiscados e até hoje nunca devolvidos). Para trás ficou a casa da família em Jacarta, construída tijolo a tijolo com o esforço dele e de sua mulher (nunca foi devolvida, continua ocupada por um General).

Na Colónia Penal de Buru – o Tarrafal de Suharto – Pramoedya

“The Mute’s Soliloquy – a Memoir”; Pramoedya Ananta Toer; Hyperion – New York; Tradução inglesa em 1999, por Willem Samuels

amarga em isolamento até 1973. O que consegue escrever durante esses anos é destruído pelas autoridades e por si próprio, para se proteger. E depois esmifra carne, ossos, pele, suor, sangue e músculos a desbravar à mão a selva da ilha de Buru, juntamente com quem sobrevive dos 12.000 homens para ali desterrados, que conseguiram vencer secas, cheias, pestilências, doenças, fome, sede, e as torturas dos carcereiros militares.

Nos últimos anos em Buru, de onde só sai em 1979, é autorizado a escrever. E regista então as histórias das Índias Holandesas que tem na memória, tanto as narrou aos companheiros de exílio. Antes de ser libertado, todos os escritos lhe voltam a ser confiscados e destruídos. Mas alguns haviam conseguido passar para fora, clandestinamente levados por jornalistas visitantes nos últimos anos e por outros presos entretanto soltos.

E assim foi possível a Pramoedya reconstituir o "Quarteto de Buru", que muitos críticos literários internacionais consideram uma das grandes criações literárias do século XX: quatro romances que narram magistralmente o despertar do povo indonésio con-

tra o colonialismo, através da saga de Minke, o estudante que vive entre colonizadores e colonizados nas Índias Holandesas do final do século XIX e se dá conta das limitações que lhe são impostas pelo berço ("This Earth of Mankind" – "Esta Terra da Humanidade"); Minke torna-se escritor e afirma politicamente a sua voz e a do seu povo contra os opressores, mas debate-se a cada passo com a corrupção daqueles em quem confia e as desventuras de quem ama ("Child of All Nations" – "Filho de Todas as Nações"); com a viragem do século, Minke combate as injustiças da exploração

*É impossível não percorrer com respeito a "Tabela dos Mortos e Desaparecidos" que Pramoedya meticulosamente compilou durante os anos de Buru e que constitui o último capítulo do livro, para informação das famílias e para ficar como "monumento para a Ilha de Buru e para a história da humanidade".*

colonial, ao mesmo tempo que embarca numa aventura de descoberta pessoal e da diversidade do seu povo ("Footsteps" – "Passos"); e finalmente o drama do colaboracionista, contado pelo competente polícia Pangemann, fascinado pelo revolucionário Minke, que foi encarregue de vigi-

ar e destruir ("House of Glass" – "Casa de Vidro").

O livro de Pramoedya mais recentemente publicado em inglês saiu em 1999 em Nova Iorque. Teve uma primeira edição em indonésio em 1984, apesar de proibido (quanto jovens não foram presos nos últimos anos do regime de Suharto só por o ter em seu poder). Trata-se do "The Mute's Soliloquy" – "O Solilóquio do Mudo" – memórias também escritas em Buru, que conseguiram de lá escapar. Notas, ensaios, cartas nunca enviadas aos filhos, "escritas em condições adversas",

minimiza Pramoedya, apologeticamente. "These are personal notes, nothing more. There is no grand plan here." ("São notas pessoais, nada mais. Não há aqui um grande plano"), explica o autor na introdução. E no entanto emerge um prodigioso fresco da Indonésia deste século e dos seus antecedentes civilizacionais, das suas convulsões sociais e políticas, das tragédias e criatividade das suas diversas gentes, da grandeza, da corrupção e da ignorância das suas elites, da crueldade das suas prisões; da perversão e incompetência do sistema militarista; e da solidariedade humana, mesmo quando se vegeta ou se morre numa colonial penal.

É impossível não percorrer com respeito a "Tabela dos Mortos e Desaparecidos" que Pramoedya meticulosamente compilou durante os anos de Buru e que constitui o último capítulo do livro, para informação das famílias e para ficar como "monumento para a Ilha de Buru e para a história da humanidade".

Fica-se preso pela descrição do quotidiano penoso dos desterrados



ou pela discussão do que significa ser-se um cidadão. Não se resiste à ternura e sageza dos conselhos dados aos filhos, em cartas que o autor sabia que eles nunca receberiam. Fazcia a determinação modelar duma mae esclarecida no meio rural de Blora, em Java Leste; a história triste da avó posta fora de casa pelo marido aristocrata; a personalidade complexa do pai, professor devotado e nacionalista inquebrável. Compreendem-se as contradições da tradicional cultura javanesa com a sociedade emergente. Parte-se para as descobertas do jovem estenógrafo na agência noticiosa dos ocupantes fascistas japoneses; e do jovem escritor que visita a Holanda e bebe com avi-

dez, despojando-se de preconceitos, os progressos sociais, culturais e políticos, incluindo as liberdades individuais, alcançados pela civilização dos antigos opressores coloniais. Enternece a aprendizagem sentimental do jovem marido, a recuperar dum primeiro casamento falhado graças a uma amante holandesa, que o liberta também de um complexo de inferioridade; e a descoberta depois da felicidade conjugal com a companheira dos últimos 45 anos.

Impressionam a integridade, a coragem, a determinação, o apego à justiça social, a tolerância, a avidez do conhecimento, a lucidez e a suprema humanidade que se desprendem da personalidade do autor e da

sua visão do mundo e da sociedade indonésia.

A obra de Pramoedya tem sugerido comparações com Alexandre Soljenitzin, Jacobo Timerman e Steinbeck. Lembra Albert Camus, observa o “San Francisco Chronicle”, “pela habilidade de confrontar questões monumentais no seu plano mais elementar”.

‘O Solilóquio do Mudo’, destaca o editor da versão inglesa, é “um apaixonado tributo à liberdade de pensamento e à celebração do espírito humano”. Foi escrito em cativério, numa Indonésia amordaçada. Mas é produto do processo de libertação indonésio e de uma criatura supriamente liberta.